



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

IBBY

Notícias 4

Nº.4 Vol. 25 – Abril de 2003

Abril: mês do livro

2 de abril: **2**
Dia Internacional do Livro Infantil
Hans Christian Andersen

18 de abril: **18**
Dia Nacional do Livro Infantil
Monteiro Lobato

23 de abril: **23**
Dia Mundial do Livro e do Direito Autoral
Miguel de Cervantes Saavedra

Essas datas são muito significativas para todos nós – escritores, ilustradores, editores, jornalistas, educadores, bibliotecários, especialistas em literatura, divulgadores e tantos outros – que nos dedicamos aos livros para crianças e jovens. Tais comemorações mostram a importância da leitura e da escrita em nossa sociedade e valorizam a trajetória de vida de grandes artistas da palavra – Hans Christian Andersen (2 de abril é a data de seu nascimento); Monteiro Lobato (nascido em 18 de abril) e Miguel de Cervantes (falecido no dia 23 de abril).

A linguagem escrita, em suas mais diversas manifestações e funções, está presente na maioria das práticas sociais de nosso cotidiano. E cada vez mais ela amplia seus suportes: além dos livros, revistas, jornais, folhetos, cartazes, ela também está nas telas dos computadores e nos mais diferentes espaços da sociedade informatizada.

Ainda que muitos “futurólogos” tenham se apressado em prever que os modernos equipamentos tecnológicos e a rede mundial de computadores levariam ao “fim dos livros” – tema que esteve em discussão no último Congresso do IBBY – o que se observa é uma realidade bem diferente. A produção editorial vem crescendo e se sofisticando cada vez mais.

No Brasil, as últimas décadas têm sido bastante significativas para o mercado editorial, principalmente no que se refere ao segmento dos livros para crianças e jovens – que a cada dia se tornam mais sofisticados em termos de projeto gráfico, ilustrações e textualidade. Livros infantis e juvenis têm se destacado nas feiras internacionais do setor – onde têm presença garantida graças ao esforço da FNLIJ – pelo profissionalismo das edições, pelas temáticas abordadas pelos autores, pela qualidade das ilustrações, entre outros aspectos.

Temas emergentes de nossa sociedade estão a cada dia mais presentes em nossa literatura, mostrando a visão de mundo de nossos criadores de textos e de imagens, que valorizam acima de tudo o diálogo, a interação entre as gerações, o convívio com as diferenças, o respeito ao legado cultural de todos os grupos étnicos que formam a identidade do povo brasileiro e tantos outros conteúdos éticos e sociais. E os autores brasileiros de livros para crianças e jovens conseguem tudo isto sem abrir mão da qualidade literária de seus textos. Meninos e meninas de todas as idades encontrarão neles o alimento para a fantasia, para a emoção, para as viagens no imaginário, para a poesia de cada dia.

Portanto, neste mês de abril, a homenagem do *Notícias/FNLIJ* aos grandes clássicos da literatura de todos os tempos e aos escritores e ilustradores de LIJ em nosso país!

“Receptáculo da memória e vetor de criatividade, o livro é, ao mesmo tempo, depósito de palavras e plataforma para a troca de idéias. Peça única e, por sua vez, objeto reproduzível, criador de sentido e provocador de idéias, obra original e espelho de uma sociedade, constitui um patrimônio que, partindo das raízes próprias de uma tradição cultural determinada, não pára de crescer, sozinho, em interação com outras tradições e no diálogo permanente com o Outro.” (Trecho da mensagem da UNESCO divulgada no dia 23 de abril de 2002, publicada na íntegra no Notícias 5/2002)

Monteiro Lobato e as crianças

O Dia Nacional do Livro Infantil – 18 de abril – foi criado oficialmente pelo Decreto-Lei n. 10.402, em 8 de janeiro de 2002. Mas, como já comentamos em Notícias anteriores, a FNLIJ, desde sua fundação há 35 anos, já comemora esta data tão significativa para todos que se dedicam à literatura para crianças e jovens.

A idéia surgiu graças a uma analogia: o dia 2 de abril é mundialmente reconhecido como o Dia Internacional do Livro Infantil, por ser o dia do nascimento do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, criador de histórias infantis belíssimas e inesquecíveis como *A sereiazinha*; *A menina dos fósforos*; *O soldadinho de chumbo*; *A rainha da neve*; *O Patinho Feio*, e tantas outras.

Para nós, brasileiros, Monteiro Lobato é o “pai” da literatura para crianças e jovens. O Sítio do Picapau

Amarelo é um espaço mágico, onde diferentes gerações foram e continuam indo buscar aventuras, mistérios, emoções, projetos e sonhos... O Sítio foi e será sempre o microcosmo em que habita a galeria de personagens de Lobato, com os quais as crianças brasileiras tanto se identificam, analisa Laura Sandroni, escritora, especialista em literatura para crianças e jovens e uma das fundadoras da FNLIJ, em seu livro *De Lobato a Bojunga – as reações renovadas*.

Neste 18 de abril de 2003, mais uma vez dedicamos ao grande escritor nossas homenagens, trazendo para os nossos leitores duas cartas enviadas por Lobato a uma de suas pequenas leitoras (ver pág. 3). Essas preciosidades nos foram enviadas por Caio Silveira Ramos, de São Paulo, SP, vencedor do Concurso “Leia Comigo”, promovido pela FNLIJ, em 2002, com o Relato real - “Brincando com os sentidos”. As

respostas às cartinhas da menina Josette, tia de Caio, demonstram mais uma vez o quanto Lobato respeitava e admirava seus pequenos leitores e o carinho que dedicava a cada um deles. Vale lembrar que uma das cartas veio de Buenos Aires, onde o escritor vivia desiludido e amargurado, afastado de seu amado país num exílio forçado, uma vez que suas idéias revolucionárias desagradavam profundamente ao governo autoritário da época. Mas, como se pode ver na carta, para as crianças o criador do Sítio do Picapau Amarelo sempre conseguia enviar mensagens de esperança e confiança na vida. Que Lobato continue sendo nosso “guia” nessa busca dos sonhos, e que sua obra continue sendo enviada para outras Josettes – e também para muitos outros meninos e meninas, para todos os seus milhares de “fãs”, adultos ou crianças – o alento para acreditar na força da literatura e da imaginação.

Atenção ilustradores!

Inscribam seus trabalhos na Bienal Internacional de Bratislava, Eslováquia – BIB/2003!

A data limite é 31 de maio!

As ilustrações deverão ser enviadas até 30 de junho de 2003.

Procurem o regulamento e a ficha de inscrição na FNLIJ!

Visite a página da FNLIJ na internet:

www.fnlij.org.br

Os sócios da FNLIJ têm direito a uma senha, que lhes permite o acesso ao Notícias on line, para ser consultado antes mesmo da edição impressa!
Cadastre-se já!!!

ERRATA

Estamos retificando, a partir do Notícias 4, a numeração dos volumes de nosso informativo. A partir de janeiro/2003, deve constar que o volume é 25.

Buenos Aires, 23, 07, 1946.

Querida amiguinha Josette:

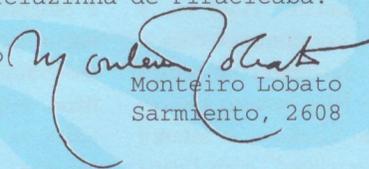
Acabo de receber sua cartinha de 8 deste, perguntando se estou me sentindo bem aqui como me sentia no Brasil. Sim, gentil menina. Sinto-me bem aqui porque também aqui há crianças que me escrevem - e para um escritor de livros para crianças o maior prêmio é saber que elas gostam de seus livros. Ora, aqui elas gostam dos meus livros; logo, estou contente. Ainda ontem, junto com a tua cartinha veio uma da menina Hierdis Klevene, que começa assim: "Mi muy querido amigo: Yo soy una gran lectora suya; hay algunos libros que usted há escrito, que los hé leído hasta 15 veces." Essa cartinha me deu grande prazer, e esse prazer dobrou quando abri a outra vinda junta - a da Josette. Com duas cartinhas como essas recebidas no mesmo dia, um autor de livros até engorda, não?

A Hierdis quer que eu escreva um livro de aventuras do pessoalzinho de dona Benta lá na Terra do Nunca, onde mora Peter Pan.

Parece uma boa idéia, não?

Adeus, querida patriciazinha de Piracicaba.

Queira sempre bem ao



Monteiro Lobato
Sarmiento, 2608

SP, 5, 2, 194(?)

Querida menina Josette:

A casa aqui foi hoje iluminada e perfumada por uma caixa de mangas que V. teve a genial idéia de me mandar. Provei uma. Deliciosa! Eu, se fosse rei do mundo, mandava cortar a cabeça de quem plantasse manga espada e outras qualidades inferiores. Por que razão havendo mangas que são puras delícias, há quem plante as fibrosas ou inferiores?

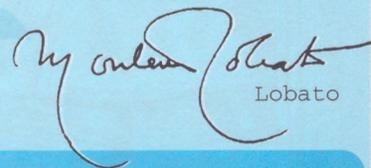
Estive na Bahia, que é terra de mangas, mas não comi lá nenhuma como as que V. me mandou. Quer dizer que a Bahia tem que baixar a cabeça diante de Piracicaba, hein?

Foi pena que V. e a Ligia não vissem a opereta NARIZINHO que está sendo levada na Bahia. Já a representaram umas 6 vezes e o povo não se contenta. Quer mais.

Isso me fez escrever um novo libreto que quero ver se publico. Vocês aí poderão montar a peça com música de algum musicista local. Fica lindo, como ficou na Bahia.

Adeus, Josette. Dê minhas lembranças à Ligia e receba lá um abraço e um beijo na ponta dos dedinhos, pela maravilhosa idéia que teve de me mandar uma manga tão convincente.

Do amigo



Lobato

Caio Silveira Ramos, vencedor do Concurso "Leia comigo", em 2002, no seu "Relato de uma situação real" fala sobre sua "tia de Jundiá" - que é a menina Josette, destinatária das cartas de Lobato - e sobre a influência que ela teve em sua história de vida:

"Foi então que a idéia chegou. Devagar, brincando com meus sentidos, mostrando um caminho para além dos livros das estantes. Eu queria conhecer o rosto e a alma dos homens e mulheres que revelavam meu espírito. Inspirado por uma tia de Jundiá, que na infância se correspondia com Monteiro Lobato, decidi (com a cumplicidade marota da minha mãe) escrever cartas para escritores. Mas onde eles se escondiam? Procurei em listas telefônicas, nas biografias de livros e comecei pelo caminho mais difícil: encontrar Maurice Druon. Eu havia lido *O Menino do Dedo Verde* e me encantara. Era preciso descobrir quem era o criador de Tistu, do jardineiro Bigode, das flores saídas dos canhões. Escrevi a carta dizendo em português tudo o que eu queria desvendar. Meus pais leram e, apesar de escreverem bem em francês, pensaram que seria bom daquele jeito mesmo. Do meu jeito. Minha mãe comprou o envelope e fomos ao correio. E sem endereço, enviamos assim: 'Monsieur Maurice Druon -a/c da Academia Francesa de Letras'. Só.

Um mês depois entra por baixo da porta um envelope grande. Entre os selos coloridos, o meu nome brincando pela rue de Varenne. Segurando a pressa das mãos para não estragar o envelope, vi pular para fora uma foto enorme em preto e branco. Lá estava ele. Fardão da Academia Francesa, uma das mãos no bolso e a dedicatória em francês, que meu pai, me abraçando, revelou: 'Ao amigo de Tistu, um abraço carinhoso de Maurice Druon'. Foi a glória: eu correndo pelo quintal, fazendo volta olímpica, recebendo beijos de mãe, irmãs. Do mundo." (publicado na íntegra no *Notícias* 2/2003.)

Em seu livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, publicado pela editora Objetiva em 2002, Ana Maria Machado comenta sobre o fato de ter sido "apresentada" a diversas obras da literatura universal em traduções feitas por Monteiro Lobato

"Não é de admirar que Monteiro Lobato tenha trazido Peter Pan para sua obra, incorporando o personagem à turma do Sítio do Picapau Amarelo. Nem surpreende que o mesmo Lobato tenha traduzido Alice e Pinóquio para o português (o que também fez com a obra de Kipling, de Mark Twain, de Andersen, de Grimm e de tantos outros). Os pontos de contato do brasileiro com todos esses mestres da literatura infantil universal vão muito além do simples fato de estarem no mesmo patamar de qualidade. Também na obra de Lobato o tamanho dos personagens (humanos, brinquedos ou fantásticos) é mutável, o real e o imaginário convivem com naturalidade, as aventuras divertidas têm um sentido profundo, a fé na inteligência da criança é reafirmada por um texto denso e carregado de uma bagagem literária opulenta.

Se ele não tivesse vivido e escrito no gueto da língua portuguesa, que impediu que outros leitores tivessem amplo acesso a seu universo, com toda certeza sua obra teria conquistado uma popularidade acima de fronteiras e provavelmente teria inspirado desenhos animados de longa-metragem como os de Disney, filmes, peças, montagens teatrais. Traduzido apenas para o espanhol (e, recentemente, em tiragem limitada, para o italiano), ficou conhecido por toda a América Latina e garantiu seu lugar nos compêndios de história da literatura infantil publicados em castelhano, lado a lado como todos esses outros clássicos. Deve ser motivo de orgulho para todos os brasileiros, que deveriam ter total intimidade com sua obra. Seus livros deveriam ser leitura obrigatória para todo e qualquer aspirante a professor (de qualquer matéria) que desejasse se formar no país para dar aula no primeiro ou segundo grau".

Alice, sempre Alice

Alice, a fascinante personagem criada por Lewis Carroll, está sendo representada nos palcos brasileiros por duas artistas de renome – Luana Piovani e Simone Spoladore – em montagens teatrais no Rio de Janeiro e em São Paulo. E esta menina mexe com o imaginário de todos nós!

Um coelho de luvas, muito bem vestido, consulta seu relógio e diz: “Estou atrasado! Estou atrasado!” Ao tentar descobrir quem era e o que fazia aquele misterioso personagem, uma menina curiosa e sonhadora vai viver uma das mais fantásticas aventuras que já foram narradas em livros para crianças. E essa viagem de Alice vem sendo recriada em diferentes versões, por escritores, cineastas, roteiristas, ilustradores, poetas de todo o mundo.

Em São Paulo, o diretor Felipe Hirsch apresenta desde 9 de janeiro “Alice ou A última mensagem do cosmonauta para a mulher que ele um dia amou na antiga União Soviética”. No Rio, Ernesto Piccolo dirige no Teatro João Caetano, o infantil “Alice no país das maravilhas”, com Luana Piovani no papel-título.

Em reportagem ao jornal *O Globo*, a atriz Luana Piovani fala de sua admiração por esse clássico da literatura infantil.

“É uma história sem moral, sem príncipe encantado, que foge dos clichês dos contos de fadas. Carroll mostra o quão longe

a imaginação de uma criança pode levá-la, além de fazer uma crítica aos costumes da época.”

Ernesto Piccolo fez uma montagem circense, em parceria com a Intrépida Trupe e com Gringo Cardia, usando truques de malabarismo, números de picadeiro e palhaços. Segundo o diretor, a montagem agrada crianças e adultos, porque fala de temas universais como o crescimento e o amadurecimento.

Para escritores, ilustradores, editores e estudiosos da literatura infantil é muito importante observar como os textos clássicos continuam tão permanentes e significativos, despertando as emoções de leitores de todas as idades, ao longo de gerações e gerações, mostrados não só em livros, como em filmes, peças teatrais e até em jogos eletrônicos.

No Rio, a peça é uma super produção, contando com música tema de Milton Nascimento e Fernando Brant. O cenário é de Gringo Cardia e o texto foi adaptado para o teatro pelo cineasta Jorge Furtado.

Edições de Alice no Brasil

Os textos clássicos nunca estiveram tão atuais. A importância de ler as obras primas da literatura universal de todos os tempos vem sendo ressaltada por críticos literários como Harold Bloom, da Academia Norte-Americana de Artes e Letras (ver artigo na pág. 5 deste *Notícias*). No Brasil, Ana Maria Machado publicou uma “cartografia da leitura”, um passeio apaixonado pela literatura universal – *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, sobre o qual já comentamos na pág. 3.

Saber que também o teatro procura resgatar e dar nova roupagem aos textos clássicos é um estímulo a mais para trazer estes textos para as nossas casas e salas de aula.

Conheça algumas edições de *Alice no país das maravilhas* que existem no Brasil, neste levantamento feito pelo CEDOP/FNLIJ:

CARROLL, Lewis

Alice: edição comentada (As aventuras de Alice no país das maravilhas / Através do espelho). Il. John Tenniel. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Alice no país das maravilhas. Il. Dorotéia

Vale. Adapt. Nilson José Machado. São Paulo: Scipione, 2002.

As aventuras de Alice no país das maravilhas (condensado e ilustrado por Tony Ross). Trad. Ricardo Gouveia. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Esse título foi selecionado como um Clássico Universal e publicado pelo MEC, nas Coleções do *Literatura em minha casa*, PNBE/2002; Ilustrações de Alexandre Camanho.)

Alice no país das maravilhas. Il. Torres Rios. São Paulo: Paulinas, 1998.

As aventuras de Alice no país das maravilhas. Trad. Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 1998. (Coleção L&PM Pocket).

Alice no país das maravilhas. Il. Jô Oliveira. Trad. Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997. (Coleção Eu Leio).

Alice no país das maravilhas. Il. Eric Kincaid. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

Alice no país das maravilhas. Trad. e adapt. Ruy Castro. Il. Laurabeatriz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1992.

Alice no país das maravilhas. Il. Darcy Penteado. Trad. Regina Stella Moreira Gomes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

Alice no país das maravilhas. Trad. Ruth Rocha. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

Alice no país das maravilhas. Il. Nicolais Guilbert. Trad. Fernanda Lopes de Almeida. São Paulo: Ática, 1982.

Alice no país das maravilhas. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982.

Aventuras de Alice: no país das maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou lá. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Summus, 1977.

Alice no país das maravilhas (interpretadas por Fernando Mello). Il. John Tenniel. Trad. José Vaz Pereira e Manuel João Gomes. Rio de Janeiro: Editora Brasília/ Rio, 1976.

Alice no país do espelho. Il. Oswaldo Storni. Trad. Maria Theresa Cunha de Giacomo. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

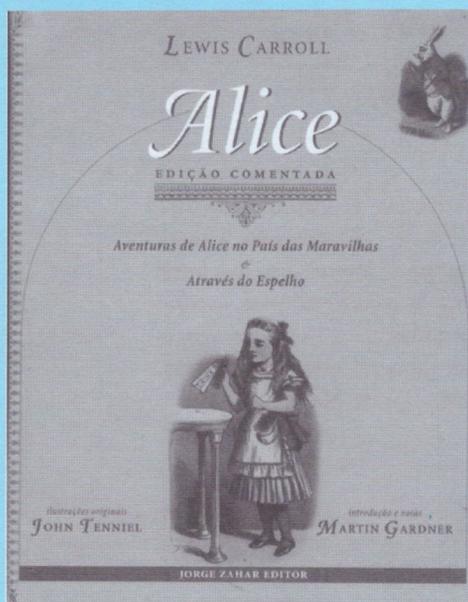
Alice no país das maravilhas. Il. Oswaldo Storni. Trad. Maria Theresa Cunha de Giacomo. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

Alice no país das maravilhas. 10ed. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

Alice no país das maravilhas. Rio de Janeiro: EBAL, 1965.

(Estes livros estão à disposição dos sócios da FNLIJ, para consultas no CEDOP.)

Conheça os “bastidores” da aventura de Alice numa primorosa edição comentada



Os leitores interessados em conhecer o universo fantástico criado por Lewis Carroll vão encontrar nesta publicação notas muito interessantes, que informam o panorama social, cultural e político da época em que viveu o escritor.

Um poema de Charles Lutwidge Dodgson, professor de Matemática do Christ College, em Oxford, Inglaterra – ou seja, do próprio Lewis Carroll – descreve o memorável passeio que teria dado origem ao conto.

“Nesses versos, à guisa de prefácio, Carroll relembra aquela ‘tarde dourada’ de 1862, quando ele e seu amigo reverendo Robinson Duckworth (...) levaram as três encantadoras irmãs Liddel para uma excursão em um barco a remo pelo Tâmsa”:

*Juntos naquela tarde dourada
Deslizávamos em doce vagar (...)*

As três meninas pedem uma história e exigem que “não tenha pé nem cabeça”. O escritor começa sua narrativa, encantando Lorina Charlotte, Alice Pleasance e Edith, as “irmãs Liddel”, que se deixam envolver pela mágica aventura:

*Depois, por súbito silêncio tomadas
Vão em fantasia perseguindo
A criança-sonho em sua jornada
Por uma terra nova e encantada,*

*A tagarelar com bichos pela estrada
– Ouvem crédulas, extasiadas.*

Ao final do poema, uma dedicatória para Alice (a menina-real ou a menina-sonhada?)

*Alice! Recebe este conto de fadas
E guarda-o, com mão delicada,
Como a um sonho de primavera
Que à teia da memória se entretetece,
Como guirlanda de flores murchas que
A cabeça dos peregrinos guarnece.*

Ao longo de todo o livro, que traz também *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, os leitores de todas as idades poderão admirar as ilustrações de John Tenniel, o primeiro artista que criou a personagem de Carroll.

Alice: edição comentada (As aventuras de Alice no país das maravilhas / Através do espelho). Lewis Carroll. Il. John Tenniel. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.



Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades – selecionados por HAROLD BLOM. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Harold Bloom, professor das universidades de Yale e Nova York, recebeu em 1999 a medalha de Ouro em Crítica Literária da Academia Norte-Americana de Letras, da qual é membro desde 1990.

Com este título interessante, a editora Objetiva está publicando uma antologia

organizada por ele. O livro “reúne pequenas pérolas da literatura universal e oferece a jovens de todas as idades um requintado cardápio de textos irresistíveis”.

Este renomado crítico literário organizou uma reunião de contos, fábulas e poemas de autores famosos, publicados em volumes identificados pelas estações do ano, com um pequena biografia de cada autor.

O primeiro volume – “Primavera” – traz John Keats, Thomas Love Peacock, William Shakespeare, Esopo, Gilbert Keith Chesterton, Rudyard Kipling, William Morris, Elizabeth Barret Browning, Stephen Crane, Walt Whitman, Lafcadio Hearn, Edward Lear, Robert Louis Stevenson, William Allingham, Lewis Carroll, Émile Zola e também dois poemas de autores anônimos: “Nã nanã, né?”; “Eu tinha uma noz-moscada”.

Harold Bloom declara no livro que “Ler bem torna as crianças mais interessantes, tanto para si mesmas quanto para os outros, um processo no qual desenvolverão uma noção de serem pessoas separadas e distintas. Estar sozinho com um livro autêntico é ser capaz de conhecer a si próprio.”

E certamente as “crianças de todas as idades” vão se deliciar com estes textos, cheios de fantasia e humor, de lirismo e sensibilidade. Um verdadeiro convite à leitura compartilhada entre adultos, jovens e crianças.

Na introdução do livro, Harold Bloom apresenta comentários sobre a seleção feita por ele que nos levam a muitas reflexões:

“Qualquer pessoa, de qualquer idade, ao ler esta seleção, perceberá logo que não concordo com a categoria ‘literatura para criança’, ou ‘literatura infantil’, que teve alguma utilidade e algum mérito no século passado, mas que agora é, muitas vezes, a máscara de embrutecimento que está destruindo nossa cultura literária. A maior parte do que se oferece nas livrarias como literatura para crianças seria um cardápio inadequado para qualquer leitor de qualquer idade em qualquer época.”

Harold Bloom, em entrevista à *Folha de São Paulo*, declara que essa antologia é uma espécie de reação ao fenômeno “Harry Potter”, cujo sucesso ele considera “desesperante”:

“Acho que as crianças deveriam ler Lewis Carroll, Edward Lear, mas elas não estão lendo *Alice no país das maravilhas*. Acredito que no Brasil seja igual, que vocês tenham fantásticos autores que não são mais lidos, pois as crianças só querem ler Harry Potter.” (*Folha Ilustrada on-line*, 28/02/03)

LIVROS NO MAR: o relato real que recebeu a Menção Honrosa do Concurso “Leia Comigo”, da FNLIJ, fala de viagens, de amor aos livros e de um sonho sem fronteiras

A FNLIJ sempre enfatizou, em seus projetos, campanhas e publicações, a importância da leitura compartilhada do adulto com a criança e o jovem. Para isso, vem buscando desenvolver ações voltadas para a escola, para a biblioteca e para outros espaços sociais, procurando incentivar nas famílias o interesse pela leitura, acreditando que o adulto é, efetivamente, o mediador desse interesse da criança e do jovem pelos livros. O I Concurso “Leia Comigo” foi criado com este objetivo, e foi um sucesso. Já publicamos os textos vencedores nas categorias “Relato ficcional” e “Relato de uma situação real” e, neste número, estamos divulgando a Menção Honrosa na categoria “Relato de situação real: “LIVROS NO MAR”, de Maria de Fátima Pinheiro de Castro Neves, que é museóloga.

Além de estarem sempre com algum livro na mão e incentivarem os filhos a fazer o mesmo, meus pais tinham o hábito de alfabetizar. Todas as empregadas analfabetas que tivemos saíam lá de casa sabendo ler e escrever. Depois do jantar, minha mãe sentava-se à mesa com a *Cartilha Maternal* de João de Deus – a mesma que usara para alfabetizar-me – chamava a empregada, e começava sua aula. Nem dávamos muita atenção a isso, pois era uma cena comum na nossa infância, quase fazia parte da rotina da casa. Em poucos meses já estávamos compartilhando nossos livrinhos de histórias com essas moças.

Meu pai também foi um grande alfabetizador. Oficial da Marinha Mercante, nas longas jornadas pelo mar costumava alfabetizar os marinheiros, que naquele tempo eram contratados pela prática, e não cursavam escolas preparatórias. Usando também a *Cartilha Maternal*, ensinou muitos marujos a ler e escrever, alguns ainda muito jovens, outros mais velhos, curtidos pela dura vida no mar, e que mesmo demorando algum tempo, graças a essa oportunidade conseguiram alfabetizar-se.

Mas a atividade do meu pai não ficou limitada a ensinar a ler: providenciou também o que ler.

Quando ele embarcava, qualquer que fosse o navio onde estivesse e para onde quer que navegasse, levava sempre uma caixa com livros para ler durante a viagem, e que eram compartilhados com os outros oficiais. Quando foi para o Loide Equador, navio cargueiro do Lloyd Brasileiro que comandou durante muitos anos, meu pai resolver tornar esse empréstimo de livros uma coisa permanente, resolver criar uma biblioteca a bordo. A tripulação gostou da idéia, pois não havia televisão naquele tempo, e, além de ler, a única distração durante as travessias era jogar cartas, damas e jogos de dados. O único lugar disponível para guardar os livros era o refeitório do andar superior, onde havia dois armários de metal com portas de vidro destinados a guardar louças, mas não eram usados. Ali foi instalada a biblioteca do navio.

E que biblioteca! Meu tio mandou

sua coleção de livros de *science-fiction*, eu doei alguns livros da *Coleção Menina e Moça*, meu irmão deu a coleção do Tarzan. Mas a melhor doação foi de um vizinho, diretor da Melhoramentos no Rio de Janeiro. Ele mandou duas caixas enormes com livros, e numa delas tinha as obras completas de Shakespeare, em diversos volumes ilustrados. Meu pai conseguiu ainda romances, relatos de viagens, histórias policiais e obras de autores que faziam sucesso na época. O pessoal do navio também levou livros, e assim a biblioteca ficou completa, com autores que iam de Eça de Queiroz a Alan Kardec, de Racine e Corneille ao Almanaque do *Diário de Notícias*.

A biblioteca era muito organizada. O bibliotecário era sempre o Segundo Piloto, que ficava com a chave e o livro onde eram anotadas as retiradas e as devoluções. A biblioteca continuou crescendo, e depois de ocupar os dois armários, continuou na estante do camarote do meu pai, onde antes só havia livros de navegação.

Muitas vezes, nas férias, viajávamos nesse navio, e durante as longas travessias líamos tudo. Foi assim que tomei contato pela primeira vez com as obras de Shakespeare. Foi ali que li *O Arco do Triunfo*, de Remarque, li *As Aventuras do Capitão Trelawny* – esqueci o autor – e livros sobre mundos diferentes, como caçadas na África, a pesca de baleias, a conquista do Pólo Norte e muito mais. Além do que a viagem em si nos ensinava, aprendíamos ainda mais com essas leituras. E essa experiência era vivida também pelos tripulantes, pois muitos nunca tinham sido grandes leitores antes disso, principalmente os mais novos, em começo de carreira. Uns mais, outros menos, praticamente todos liam, já que numa biblioteca tão eclética havia livros para todos os gostos. Pelo navio havia sempre alguém com um livro na mão, fosse um oficial no passadiço ou um marinheiro no convés, fosse um jovem praticante de piloto ou algum velho maquinista. Essa leitura compartilhada, além de instruir, servia de tema de conversa, e os que haviam gostado muito de algum livro o recomendavam aos cole-

gas. Graças a essa propaganda boca a boca havia livros que não paravam nas prateleiras. E é bom lembrar que esses foram os primeiros livros para os tripulantes que tinham aprendido a ler no navio, com meu pai, e portanto nunca tinham lido nada antes. E talvez tivessem continuado assim se o acaso não os tivesse feito viajar com ele.

Numa dessas viagens, para nosso espanto, quando o navio parou em Londres e as autoridades portuárias subiram a bordo, a biblioteca foi lacrada. O lacre só poderia ser retirado depois da partida. Ninguém sabia disso, mas ali havia dois autores não autorizados pelo governo britânico, e que não poderiam entrar na Inglaterra.

Quando cheguei à época de meu pai aposentar-se, tenho certeza de que uma das coisas que lhe deu saudades foi aquela biblioteca.

Algum tempo depois que ele morreu, soube com tristeza que o Loide Equador, o belo navio que tantas vezes nos levava através dos mares, tinha ficado velho e obsoleto, e estava sendo desmontado, virara sucata. Lembrei-me imediatamente dos livros, e às vezes fico imaginando o que terá sido feito deles. Terão virado sucata também, vendidos para os compradores de papéis velhos, para reciclagem? Espero que tenham ao menos ido parar em algum sebo, de onde outras pessoas poderiam resgatá-los, ou então que algum amigo dos livros os tenha levado para casa. Mas qualquer que tenha sido seu fim, eles cumpriram seu destino, sua missão: apresentar àqueles navegantes grandes nomes da literatura brasileira e mundial, oferecer-lhes cultura e distração.

Nunca soube de algum outro navio mercante brasileiro que tivesse tido uma biblioteca antes do Loide Equador. Não sei se meu pai foi o primeiro a ter essa idéia, e nem mesmo se essa foi uma experiência isolada. Mas o importante é saber que meu pai, como os livros, talvez tenha cumprido também uma missão, um destino, o de ensinar a seus comandados o caminho mágico da leitura, colocando-lhes o livro nas mãos e oferecendo-lhes a oportunidade de adquirir o insubstituível hábito de ler.

Biblioteca de livros em português na Áustria

Desde 2000, a brasileira Carolina Blochberger, residente em Viena, Áustria, mantém um vínculo com a FNLIJ por um motivo muito nobre. Carolina e sua mãe, voluntárias e amantes dos livros, criaram em Viena uma biblioteca com livros em português, que atende principalmente à comunidade de brasileiros. Foi um trabalho árduo, reunir tantos livros para crianças e jovens e conseguir um espaço onde a biblioteca pudesse funcionar. Mas elas conseguiram e continuam dinamizando a biblioteca, fazendo contato com autores, editores e instituições brasileiras para ampliar o acervo e realizar exposições de livros. Em diferentes momentos, elas contaram com o apoio da FNLIJ, na doação de livros, na ida à Feira de Bolonha. Carolina Blochberger comenta sobre a im-

portância de uma biblioteca com livros da literatura infantil de outros países: “Uma biblioteca no exterior tem um valor e uma importância diferente que uma biblioteca pública no país de origem. A literatura infantil, rica de ilustrações, desperta em todos que vivem já há alguns anos no exterior, lembranças de infância. Através dos livros mostramos aos nossos filhos a nossa infância, as nossas lembranças. É como um álbum de fotografias. Para os nossos filhos, através das ilustrações e dos textos, eles tem a oportunidade de conhecer uma outra cultura, outros costumes, valores e outro meio ambiente. A Áustria, por exemplo, é um país de montanhas e rios, então, livros e contos de índios, florestas, animais exóticos, praias desenvolvem nas crianças aqui residentes a curiosidade e enri-

quecem a fantasia dos pequenos leitores. Em nossas longas noites de inverno, onde o céu de dia é cinzento e a partir das 4h da tarde já escurece, livros com ilustrações ricas de cores, traços e de sol são um colírio para os olhos dos adultos e uma base muito importante para as crianças, pois despertam o interesse por outras culturas e outras línguas.

Em novembro de 2002, realizamos uma exposição de livros em português e espanhol no nosso centro e biblioteca em Viena, Áustria. Hoje, posso afirmar que um livro infantil com suas ilustrações tem um valor tão importante no exterior como um folheto turístico de uma região ou cidade do Brasil. É atraente e fala de coisas e de pessoas que existem longe, no Brasil, mas ficam próximas, quando vistas nos livros.”

Fórum Internacional sobre a Literatura Canadense para a Juventude

A Biblioteca Nacional do Canadá está promovendo em Ottawa, Canadá, de 26 a 29 de junho de 2003, o Fórum Internacional sobre a Literatura Canadense para a Juventude, que tem por objetivo promover, por meio da literatura, a rica diversidade cultural, lingüística e regional deste país.

A Biblioteca Nacional do Canadá detém um importante acervo de livros de autores canadenses e estrangeiros para crianças e jovens. Durante o Fórum, serão realizadas conferências, mesas-redondas, encontros com autores, leituras públicas e diversas outras atividades.

Conheça esta diversificada e interessante programação no site:

<http://www.nlc-bcn.ca/forum>

ou pelo e-mail: forum@nlc-bcn.ca

Participe da comemoração dos 35 anos da FNLIJ e da entrega do Prêmio FNLIJ 2002!

Será no dia 23 de maio, na 18ª Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro, que acontece de 15 a 25 de maio de 2003.

A FNLIJ estará presente, promovendo a literatura para crianças e jovens. Um espaço de 100 m² foi doado pelo SNEL e pela FAGGA, promotores do evento, para a Biblioteca/FNLIJ.

Participe do 14º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, que acontecerá em Campinas de 22 a 25 de julho. A FNLIJ realizará, mais uma vez, o Seminário de Literatura Infantil e Juvenil.

Aguardem novas notícias em breve!

Leitura 2003 – Para ler o XXI

Participe do Congresso Leitura 2003 – Para ler o XXI, promovido pelo Comitê Cubano do IBBY e a Cátedra Ibero-americana Mirta Aguirre, em parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, a Associação do Livro Infantil e Juvenil da Argentina – ALIJA, o IBBY do Canadá e a Fundalectura da Colômbia (seções brasileira, argentina, canadense e colombiana do IBBY, respectivamente).

O Congresso acontecerá em Havana, Cuba, de 28 de outubro a 1 de novembro de 2003.

Notícias do IBBY

*29º Congresso do IBBY: os trabalhos
devem ser enviados até 30 de junho de 2003!*



O IBBY não pára! Aqueles que pretendem apresentar trabalhos no próximo Congresso – o 29º Congresso do IBBY, a ser realizado na Cidade do Cabo, África do Sul, de 05 a 09 de setembro de 2004 – devem enviar seus resumos até 30 de junho de 2003. O tema é Livros para a África, e estes são os subtemas das sessões paralelas, para apresentações em mesas-redondas, workshops ou posters:

- Possibilidades originais para desenvolver a escrita do livro em sociedades onde há poucos escritores;
- Pequeno número de editoras de livros em países em desenvolvimento;
- O papel da tradução no desenvolvimento de uma literatura infantil nacional;

- Textos em diferentes línguas – um caminho na direção de uma sociedade multilíngüe?

- Histórias em quadrinhos para a África;

- Desenvolvendo uma literatura juvenil para os jovens africanos de hoje;

- O impacto da tradição oral na literatura infantil contemporânea;

- A fantasia através do mundo. Como crianças de diferentes culturas respondem, por exemplo, ao fantástico e ao mágico?

- Literatura infantil e leitores adultos;

- Relatórios sobre a literatura infantil em todos os países da África, incluindo os países do norte;

- Literatura infantil no Oriente Mé-

dio e no mundo árabe;

- Projetos de leitura inovadores;

- A necessidade e o interesse de leitura das crianças traumatizadas e órfãs pela guerra, fome e epidemia da Aids. Contar histórias pode ajudá-las?

- Qual é o verdadeiro significado de literatura “multicultural” em um mundo cada vez mais dividido?

- Violência, guerra e preconceito como temas nos livros infantis;

- Desafios do ensino de literatura infantil na universidade e na formação de professores e bibliotecários – especialmente em países multiculturais e multilíngües. Qual é o cânone?

Para os brasileiros, cuja cultura tem muitas raízes africanas, principalmente no que toca à literatura, estar presente neste evento é uma oportunidade de estreitar os laços entre o Brasil e a África.

Como seção brasileira do IBBY, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil começa desde já a divulgar nosso Congresso Mundial.

Os resumos (em inglês ou francês, com cerca de 200 palavras) devem ser enviados para:

Genevieve Hart - IBBY 2004
Programme Committee

South African Children's Book
Forum (SACBF)

P.O. Box 847
Howard Place - 7450 - South
Africa

Tel. + 2721 - 5320555 Fax.
6712902

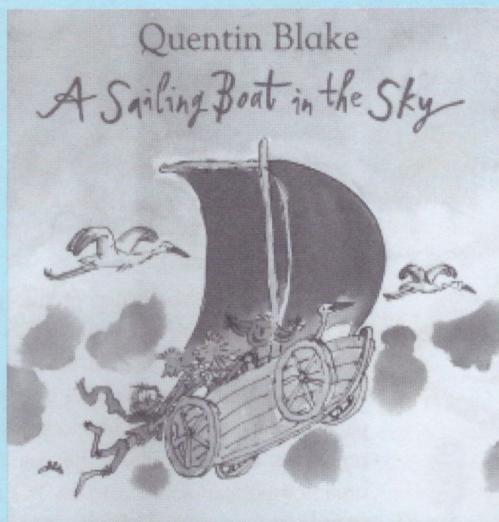
E-mail: sacbf@worldonline.co.za
Website: <http://www.sacbf.org.za>

Ilustrador inglês, vencedor do prêmio Hans Christian Andersen em 2002, lança livro com textos e ilustrações de 1.800 crianças de todo o mundo

Foi no 28º Congresso do International Board on Books for Young People (IBBY), realizado de 29 de setembro a 3 de outubro na Basileia, na Suíça, que o ilustrador inglês Quentin Blake lançou o livro "A Sailing Boat in the Sky". Vencedor do prêmio Hans Christian Andersen, em 2002, o ilustrador contou com a colaboração de 1.800 crianças de diversas partes do mundo na elaboração deste livro.

A história do livro começa no Sudoeste da França, onde o ilustrador costuma passar grande parte do ano. Ele foi convidado por um grupo local de professores para trabalhar com crianças num livro sobre os problemas do mundo, como poluição, preconceitos, trabalho escravo e guerra.

Ao longo de um ano inteiro, as crianças discutiram uma série



de problemas, ora incentivados por seus professores, ora pelo ilustrador que proferiu palestras em diversas instituições. As discussões se ampliaram e as crianças chegaram até a trocar idéias na Internet.

Encorajados por Quentin Blake a fazerem poemas, ilustrações, a expressarem suas idéias, estudantes de diferentes partes do mundo como Londres, Singapura, Dublin, Luxemburgo e Oslo produziram a matéria da publicação que une diferentes textos a diferentes histórias.

Na realidade, o livro convida crianças de todo mundo a trocar suas idéias e esperanças sobre o futuro e sobre como eles podem viver juntos.

Durante o 28º Congresso, que comemorava os 50 anos do IBBY, Quentin Blake brindou os membros do Comitê Executivo com a publicação.

Catálogo da FNLIJ para a BOLOGNA BOOK FAIR 2003 faz uma homenagem aos ilustradores brasileiros de LIJ

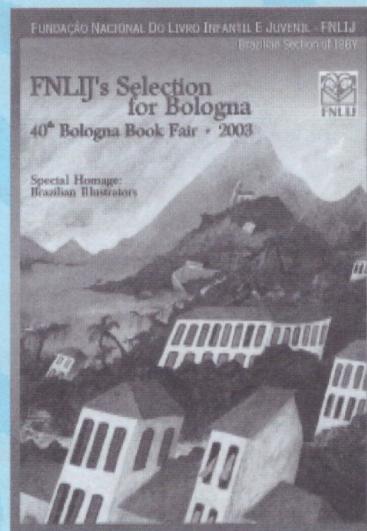
Cento e quarenta e quatro livros de literatura para crianças e jovens, selecionados a partir da produção editorial de 2002, compõem o catálogo da FNLIJ para a 40ª Feira de Bolonha, que homenageia os ilustradores brasileiros de LIJ:

Ana Raquel, Angela Lago, Ciza Fittipaldi, Claudia Scatamacchia, Claudio Martins, Demóstenes Vargas, Eliardo França, Elisabeth Teixeira, Eva Furnari, Gerson Conforti, Gian Calvi, Graça Lima, Helena Alexandrino, Humberto Guimarães, Ivan Zigg, Jô Oliveira, Marcelo Xavier, Mariana Massarani, Marilda Castanha, Michele Iacocca, Nelson Cruz, Regina

Yolanda, Ricardo Azevedo, Roger Mello, Rogério Borges, Rubens Matuck, Rui de Oliveira, e Zé Flávio Teixeira.

Para a impressão do Catálogo a FNLIJ contou com a parceria da Editora Global, da Mergulhar Serviços Editoriais (uma empresa do grupo R. R. Donneley - América Latina) e da Companhia Suzano de Papel e Celulose.

Essas editoras estarão presentes no estande da FNLIJ na Feira de Bolonha: Ática; Brinque-Book; Caramelo; Companhia das Letrinhas; FTD; Global; Martins Fontes; Melhoramentos; Mercury; Studio Nobel; Scipione.



Coletânea sobre a obra do escritor Karl Bruckner é publicada na Áustria

Acabou de ser lançada a coletânea organizada pelos austríacos Sabine Fuchs, especialista em LIJ e Peter Schneck, presidente do IBBY: *Der vergessene Klassiker – Leben und Werk Karl Bruckners*. Viena: Edition Praesens. 270 p. Fruto do Simpósio sobre o autor austríaco Karl Bruckner, realizado em novembro de 2000, em Viena, Áustria. Karl Bruckner viveu alguns anos no Brasil no período entre a 1ª e a 2ª guerras mundiais. Autor de uma importante obra juvenil, teve três livros publicados em português no Brasil: *Pablo, o índio*. São Paulo, Brasiliense, 1960; *Sadaka quer viver*. São

Paulo: Brasiliense, 1963 e *O faraó de ouro*. São Paulo: Melhoramentos, 1972, os quais foram analisados pela especialista da FNLIJ, Ninfa Parreiras. Na ocasião, Ninfa era bolsista da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique e foi convidada por Peter Schneck a participar do Simpósio. A publicação de textos em alemão vem em uma bela edição de capa dura, com os artigos de todos os participantes das mesas-redondas.

Preocupado com a paz mundial e interessado nas diferenças culturais dos povos, Bruckner escreveu romances e novelas, abordando temas como a bomba de

Hiroshima, os índios latino-americanos, a antiga civilização egípcia.

Além de professores, editores e especialistas em LIJ da Áustria, o Simpósio contou ainda com a presença de profissionais estrangeiros, como Hans-Heino Ewers, professor e diretor da Faculdade de Literatura Infantil e Juvenil da Universidade Johann-Wolfgang-Goethe de Frankfurt, Alemanha; Sônia Marx, professora da Universidade de Pádua, Itália e Atsuko Hayakawa, professora da Universidade de Mulheres de Tóquio, Japão. Os sócios interessados podem consultar a coletânea no CEDOP da FNLIJ.

MEU VÔ APOLINÁRIO, de Daniel Munduruku recebe Menção Honrosa em Prêmio de Literatura para Crianças e Jovens 2003, da UNESCO



Antonio Skármeta, do Chile, e Jenny Robson, da África do Sul foram os escritores vencedores do 2003 UNESCO Prize for Children's and Young People's Literature.

Skármeta recebeu o prêmio pelo seu belíssimo *La Composición (The Composition)*, ilustrado por Alonso Ruano e publicado na Venezuela pelas Ediciones Ekaré. A história é sobre um menino que vive com sua família em um país sob o regime de uma ditadura militar. Ele vê seu pai e seus amigos participando de atos revolucionários, durante a noite. Um dia, um agente da repressão, uniformizado, visita sua escola e pede que as crianças escrevam uma composição sobre o tema: "O que minha família faz à noite". O menino, usando toda sua criatividade, inventa uma história que salva seus pais, afastando qualquer suspeita que houvesse a respeito deles.

Neste concurso da UNESCO, na categoria "para crianças menores de 13 anos", *Meu Vô Apolinário (My Grandpa Apolinário)*, do escritor brasileiro Daniel Munduruku, ilustrado por Rogério Borges e publicado no Brasil pela Studio Nobel, recebeu Menção Honrosa. É ele que apresentamos aqui como nossa "Dica de leitura".

Meu vô Apolinário – Um mergulho no rio da (minha) memória.
Daniel Munduruku. Ilustrações de Rogério Borges.
São Paulo: Studio Nobel, 2001

Este livro traz um testemunho lírico e emocionante de um escritor brasileiro de origem indígena – Daniel Munduruku.

Meu vô Apolinário, um poético relato autobiográfico e ficcional, apresenta as reflexões do autor sobre suas origens étnicas, sobre suas "raízes" – que são também as nossas raízes.

Apesar de ser filho de índios, Daniel não nasceu na aldeia e sim na cidade. Em Belém do Pará, onde seus pais trabalhavam, ele teve que conviver com o preconceito por ter, segundo conta no livro, uma "cara de índio". E quando menino, ser chamado de índio era para ele uma ofensa, uma vez que isso era "classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso". Trabalhando desde pequeno para ajudar os pais, que viviam com grandes dificuldades na periferia de Belém, Daniel sabia o quanto esse julgamento era injusto: "(...) eu era uma pessoa trabalhadora que ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra para mim. Eu ficava muito triste porque meu trabalho não era reconhecido. Para meus colegas só contava a minha aparência... e não o que eu era ou fazia".

Sua maior felicidade era quando podia visitar a aldeia de seus pais. Foi nela que ele conheceu os costumes e as tradições

de seu povo, ouvindo as histórias dos seres encantados – o saci-pererê, a matintaperera, o curupira, o boitatá –, banhando-se nos igarapés, embrenhando-se na mata, "pescando" caranguejos nos manguezais. Enquanto estava na aldeia, vivia momentos de aventura e de alegria. Contudo, ao regressar para cidade, tinha que conviver com o preconceito de seus colegas de escola, que continuavam a criticá-lo por sua aparência.

Já adolescente, com suas emoções à flor da pele, foi graças à companhia e à sabedoria de seu avô Apolinário que Daniel descobre o maravilhoso legado cultural do seu núcleo familiar. E são os diálogos cheios de lirismo e de "sentimento do mundo" que ele teve com seu avô que fazem deste livro um testemunho de rara beleza e profundidade, como demonstra este trecho do capítulo "A sabedoria do rio".

"(...) Você chegou à aldeia muito nervoso estes dias, não foi? Veio assim da cidade, lugar de muito barulho e maldade. Lá as pessoas o maltrataram e você se sentiu aliviado quando soube que viria para cá, não foi? Sei que está assim porque as pessoas o julgam inferior a elas e seus pais não o ajudam muito a compreender tudo isso. Pois bem. Já é hora de saber algumas verdades sobre quem

you é. Por isso eu o trouxe aqui. Você viu o rio, olhou para as águas. O que eles lhe ensinam? A paciência e a perseverança. Paciência de seguir o próprio caminho de forma constante, sem nunca apressar seu curso; perseverança para ultrapassar todos os obstáculos que surgirem no caminho. Ele sabe aonde quer chegar e sabe que vai chegar, não importa o que tenha de fazer para isso. Ele sabe que o destino dele é unir-se ao grande rio Tapajós, dono de todos os rios. Temos de ser como o rio, meu neto. Temos de ter paciência e coragem. Caminhas lentamente, mas sem parar. Temos de acreditar que somos parte deste rio e que nossa vida vai se juntar a ele quando já tivermos partido desta vida. Temos de acreditar que somos apenas um fio da grande teia da vida, mas um fio importante, sem o qual a teia desmorona. Quando você estiver com esses pensamentos outra vez, venha cá ouvir o rio".

Este é um livro essencial para que possamos compreender melhor o país multicultural onde nascemos, e para descobrirmos, mais uma vez, que a arte e a literatura são como janelas sempre abertas, a nos mostrar as diferentes realidades e visões de mundo do nosso povo, que formam a nossa verdadeira identidade. (Magda Frediani)

Tom Cruise e Steven Spielberg falam sobre a importância que dão à leitura

Um cineasta e um ator famosos falam sobre a importância de reservar para seus filhos um horário para a leitura, limitando os seus horários de assistir à televisão. Este é o tema de uma interessante reportagem, publicada no Caderno 2 do Estado de São Paulo de 8 de outubro de 2002.

O texto de John Harlow, publicado originalmente no *The Times*, mostra que existe uma tendência significativa entre os pais de classe média americana para limitar o tempo que as crianças passam na frente da TV. O crescente movimento antitelevisão recebeu o apoio de Tom Cruise e de Steven Spielberg, que declaram nesta reportagem estar restringindo o uso da TV para seus filhos em favor de entretenimentos tradicionais, como leitura de livros, esportes e até mesmo a conversação. Cruise afirma que seus filhos só podem assistir à TV 3 horas e meia por semana, mas somente

se estiverem indo bem na escola. Spielberg afirma que em sua casa seus 5 filhos só podem assistir a 1 hora de TV por dia. Ambos também confirmam que não permitem que os filhos fiquem horas e horas diante da telinha, brincando com jogos eletrônicos.

É bastante significativo constatar que mesmo aqueles que se dedicam à produção e ao estrelato de filmes nos quais as imagens em movimento são tão fascinantes e envolventes percebem que não se pode deixar de lado a leitura dos livros. Segundo a pesquisa que deu origem à reportagem a atitude dos pais envolvidos na campanha "No TV" (Nada de TV) tem levado a uma melhora nos níveis de rendimento escolar da criança.

Biblioteca

De 11 de outubro 2002 até 05 de janeiro 2003 recebemos 428 títulos, referentes à produção editorial de 2002. Estamos publicando a segunda parte desta relação, em ordem alfabética, de acordo com os nomes de editoras (a primeira parte foi publicada no Notícias 3).

MODERNA *Você troca?* Eva Furnari. Il. da autora. 2002. 31p. Coleção Girassol. 2 ed. • **MOVIMENTO** *O gato do nariz encarnado.* Cristina Menna Barreto. Il. André Menna Barreto. 2002. 20p. Coleção Monteiro Lobato - LIJ. • *Os meus fantasmas.* Eglê Malheiros. 2002. 28p. Coleção Monteiro Lobato - LIJ. • **NOVA DIDÁTICA** *A blatária, o columbideo, o histricomorfo e o biscoito de morango.* • Duba Elia. Il. Luiz Cezar Bellenda. 2002. 24p. Coleção Conte recontre. • *A lenda do cristal encantado.* José Arrabal. Il. Luna 2001. 64p. Coleção Lendas daqui e dali. • *As flores do mar.* André Moura. Il. Eduardo Bordoni e Fabio Muniz. 2002. 27p. Coleção Lendas daqui e dali. • *Cadê vovó?* Mauro César Silva Viana. Il. Alessandra Tozi. 2002. 24p. Coleção Conte recontre. • *Cata-vento.* Sandra Lopes. Il. Jairo Rodrigues. 2002. 27p. Coleção Vivendo a literatura. • *Comadre florzinha.* Anna Cláudia Ramos. Il. Adilson Farias. 2002. 24p. Coleção Lendas daqui e dali. • *O beija-flor despenteado.* Luis Dias. Il. do autor. 2002. 48p. Coleção Conte recontre. • *O desenhista.* Elias José. Il. Rogério Coelho. 2001. 24p. Coleção Patati-patatá. • *O jardim do Serafim.* José Arrabal. Il. Sérgio Palmiro. 2002. 32p. Coleção Histórias em cubinhos. • *O planetinha tosse tosse.* Luca Rischbieter. Il. Frank. 2001. 16p. Coleção Conte recontre. • *O que se vê no A B C É.*

Elias José. Il. Daniel Cabral. 2002. 40p. • *O que tem nesta venda?* Elias José. Il. Rogério Coelho. 2002. 24p. Coleção Patati-patatá. • *O que você lê ali?* Elias José. Il. Rogério Coelho. 2001. 16p. Coleção Patati-patatá. • *Os amantes do lago Rotorua.* Rogério Andrade Barbosa. Il. Gonzalo Cárcamo. 2002. 24p. Coleção Lendas daqui e dali. • *Saudando quem chega.* Elias José. Il. Rogério Coelho. 2001. 24p. Coleção Patati-patatá. • *Um barco, um avião, uma bolha de sabão...* Sandra Pinna. Il. Rogério Coelho. 2002. 40p. Coleção Conte recontre. • *Visitas à casa da vovó.* Elias José. Il. Rogério Coelho. 2001. 16p. Coleção Patati-patatá. • **NOVA FRONTEIRA** *Aenir.* Garth Nix. Trad. Maria Helena Rouanet. 2002. n.p. A sétima torre, livro 3. • *Acima do véu.* Garth Nix. Trad. Maria Helena Rouanet. 2002. 255p. A sétima Torre, livro 4. • *O livro da fé para crianças.* William J. Bennett. Trad. Ricardo Silveira. Il. Michel Hague. 2002. 98p. • *O tesouro das cantigas para crianças 2.* Org. Ana Maria Machado. Il. Cláudio Martins. 2002. 96p. • *Ou isto ou aquilo.* Cecília Meireles. Il. Thais Linhares. 2002. 95p. 6. ed. • **OBJETIVA** *O santinho.* Luis Fernando Veríssimo. Apres. Ana Maria Machado. Il. Glenda Rubinstein. 2002. 63p. • *Uma história de futebol.* José Roberto Torero. Apres. Ana Maria Machado. Il. Glenda Rubinstein. 2002. 79p. • *Zoando na*

América: mandando bem na Disney e nos outros parques.* Vários Autores - Grupo Obrigado Esparro. Coord. Emanuel Jacobina e Mauro Wilson. 124p. 2 ed. • **PALAS ATHENA** *O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universidade...* Maria Aparecida Lopes Nogueira. 2002. 269p. • **PAPIRUS** *O jardim de cada um.* Nye Ribeiro. Il. Pandora Studio. 2002. 16p. • *O verão.* João Proteti. Il. Marília Cotomacci. 2002. 23p. • **PAULINAS** *A lenda do amaru.* Ana Lúcia Brandão. Il. Edu. 2002. 28p. Coleção Lendas de terras distantes. • *Asas pra que te quero!* José Bortolini. Il. Camila de Godoy Teixeira. 2002. 23p. Coleção Magia das letras. Série: Mundo encantado. • *Jubonaldo, o leão.* Patrícia Gwunner. Il. da autora. 2002. n.p. Coleção Fadas e fábulas. • *O preço da vida.* José Bortolini. Il. Giselle Vargas. 2002. 16p. Coleção Magia das letras. Série Mundo encantado. • *Ouvindo as conchas do mar.* Luciano Pontes. Il. André Neves. 2002. 23p. Coleção Magia das letras. Série Letras & Cores. • *Quando o dia engoliu a noite.* Sonia Rosa. Il. Victor Tavares. 2002. 16p. Coleção Magia das letras. Série Letras & Cores. • *Quem ouvir e contar, pedra há de se tornar.* Nelson Albissú. Il. Rogério Soud, Rodval Matias. 2002. 24p. Coleção fadas e fábulas • **PAULUS (Re)** *Fabulando: lendas, fábulas e contos brasileiros, v.6.* Elias José (adap.). Il. Joana Lira.

2002. 31p. Coleção (Re) Fabulando. • *Literatura Infanto-juvenil e seus caminhos*. Valdecir Conte, Stanislaw Konieczek (Orgs.). 2002. 65p. • *Uma árvore para um natal*. Didi Oliveira. Il. Adalberto Cornavaca. 2002. 24p. Coleção Magia das letras. Série Mundo encantado. • *Respeito é bom e faz bem*. Ted O'Neal, Jenny O'Neal. Trad. Jacqueline Mendes. Il. R. W. Alley. 2002. n.p. Coleção Terapia Infantil. • **PMCRJ/SME** *A bruxa que roubava sonhos*. Turma de Progressão. Il. do autor. 2002. 47p. • **PROJETO** *A família sujo*. Gustavo Finkler. Il. Laura Castilhos. 2002. 28p. Série Cuidado que mancha. • *Ímpar*. Marcelo Carneiro da Cunha. Il. Guazzelli. 2002. 136p. • *O natal de Natanael*. Gustavo Finkler, Raquel Grabauska. Il. Laura Castilhos. 2002. 28p. Série Cuidado que mancha. • *Poesia fora da estante, v.2*. Vera Aguiar(coord.), Simone Assumpção, Sissa Jacoby. Il. Tatiana Sperhake. 2002. 112p. • **RECORD** *A caverna dos titãs*. Ivanir Calado. Il. Júlio Cesar de Souza Moreira. 2002. 171p. • *As casas que fugiram de casa*. Sylvia Orthof. Il. Elizabeth Teixeira. 2002. 23p. • *Deuses e heróis*. Zelita Seabra. Il. Thaís Linhares. 2002. 167p. • *Lili a rainha das escolhas*. Elisa Lucinda. Il. Graça Lima. 2002. n.p. Coleção Amigo Oculto. • *Malandragens de um urubu*. Sylvia Orthof. Il. Elizabeth Teixeira. 2002. 23p. • *O menino inesperado*. Elisa Lucinda. Il. Graça Lima. 2002. n.p. Coleção Amigo Oculto. • *O órfão famoso*. Elisa Lucinda. Il. Graça Lima. 2002. n.p. Coleção Amigo Oculto. • *Pererê na Pororoca*. Sylvia Orthof. Il. Elizabeth Teixeira. 2002. 23p. • *Quando é dia de futebol*. Carlos Drummond de Andrade. Pesq. e sel. Luis Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. 2002. 271p. • **RHJ** *Iluminando histórias*. Cleidna Landivar. Il. Adriana Mendonça. 2002. 12p. • *Memórias de uma*

pizza. Tiago de Melo Andrade. Il. Emídio Almeida. 2002. 88p. • *Que febre de mosquito!* Maximiano Maxs de Figueiredo Portes. Il. Carti. 2002. 16p. • **ROCCO** *Clara Rosa está murchinha*. Paula Danziger. Trad. Lia Wyler. Il. Tony Ross. 2002. 118p. • *Festa de Halloween*. R. L. Stine. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. 2002. 132p. Rua do Medo. • *O boneco*. Diane Hoh. Trad. Cristiana Mendes. 2002. 173p. Casa do pesadelo. • *O fantasma de primeiro de abril*. Tom B. Stone. Trad. Nelson Rodrigues Pereira Filho. 2002. 85p. Escola do terror. • *O laço cor-de-rosa*. Carlos Heitor Cony. Il. Cláudio Duarte. 2002. 34p. Bichos e outras histórias. • **SALAMANDRA** *Luna Clara e Apolo Onze*. Adriana Falção. Il. José Carlos Lollo. 2002. 327p. • **SALESIANA** *A velha árvore: uma história de amor pelos idosos*. Daniel Munduruku. Il. Elza Keiko. 2002. 31p. • **SARAIVA** *Chico, edu e a Oitava Série*. Lino de Albergaria. Il. Marco Aragão. 2002. 132p. Coleção Jabuti. • *De surpresa em surpresa*. Fanny Abramovich. Il. Sérgio Palmiro. 2002. 30p. 3 ed. Coleção Jabuti. • *Lia e a sexta série*. Lino de Albergaria. Il. Marco Aragão. 2002. 93p. Coleção Jabuti. • *Márika e a Sétima Série*. Lino de Albergaria. Il. Marco Aragão. 2002. 125p. Coleção Jabuti. • *Miguel e a quinta série*. Lino de Albergaria. Il. Marco Aragão. 2002. 69p. Coleção Jabuti. • **SCIPIONE** *A guerra e a paz*. Brigitte Labbé, Michel Puech. Trad. Irami B. Silva. Il. Jacques Azam. 2002. 39p. Coleção Cara ou coroa? • *A ilha do tesouro*. Robert Louis Stevenson. Adap. João Anzanello Carrascoza. Il. Ellen Maria Pestili de Almeida. 2002. 48p. Série Reencontro infantil. • *A justiça e a injustiça*. Brigitte Labbé, Michel Puech. Trad. Irami B. Silva. Il. Jacques Azam. 2002. 40p. Coleção Cara ou coroa? • *A ovelinha e o arco-íris*. Coby Hol. Trad. Irami B. Silva. Il. do autor. 2002. 23p.

Coleção Dó-ré-mi-fá • *A verdade e a mentira*. Brigitte Labbé, Michel Puech. Trad. Irami B. Silva. Il. Jacques Azam. 2002. 40p. Coleção Cara ou coroa? • *A voz do silêncio*. Giselda Laporta Nicoletis. Il. Sandra Kaffka. 2002. 64 p. Série Diálogo. • *Alice no País das Maravilhas*. Lewis Carrol. Adap. Nilson José Machado. Il. Dorotéia Vale. 2002. 48p. • *e-mãe: a internet me aprontou uma!* Tania Alexandre Martelli. Il. Biry. 2002. 95p. Série Diálogo. • *Eu não queria isso! A prostituição infantil*. Franck Pavloff. Trad. Maria Alice Araripe de Sampaio Dória. 2002. 88p. Coleção Pare e pense. • *Histórias de um livro aberto*. J.L. Diego. Il. Laurabeatriz. 2002. 40p. Coleção Dó-ré-mi-fá. • *Iracema*. José de Alencar. Adap. Renata Pallottini. Il. Maria Eliana Delarissa. 2002. 64p. Série Reencontro literatura. • *Mãos de vento e olhos de dentro*. Lô Galasso. Il. Aída Cassiano. 2002. n.p. Coleção Dó-ré-mi-fá • *O bem e o mal*. Brigitte Labbé, Michel Puech. Trad. Irami B. Silva. Il. Jacques Azam. 2002. 39p. Coleção Cara ou coroa? • *O segredo da estrela*. Coby Hol. Trad. Eda Livia Mistal Friedericks. Il. do autor. 2002. 23p. Coleção Dó-ré-mi-fá. • *Os deuses e Deus*. Brigitte Labbé, Michel Puech. Trad. Irami B. Silva. Il. Jacques Azam. 2002. 39p. Coleção Cara ou coroa? • *Os doze trabalhos de Hércules*. Leonardo Chianca (Adap.). Il. Patrícia Lima. 2002. 48p. Série Reencontro infantil. • *Robinson Crusoe*. Daniel Defoe. Adap. Laura Bacellar. Il. Ivan Zig. 2002. 48p. Série Reencontro infantil. • *Viagens de Gulliver*. Jonathan Swift. Adapt. Lucia Tulchinski. Il. Cláudia Ramos. 2002. 48p. Série Reencontro infantil. • **STYLO** *O artesanato*. Newton Póvoa Cavalcante Coelho. Il. Paulenrique Nunes Neiva. 2002. 20p. **YH LUCERNA (ZEUS)** *A onça Leonora*. Márcio Leitão. Il. Juliana Freitas. 2002. 20p. Bichos e Cia.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Abigraf, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Lygia Bojunga, CBL, Cia. das Letrinhas, Cosac & Naify, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP - Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Lucerna, L&PM Editores, Manati, Marcos da Veiga Pereira, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHJ, Rocco, R. R. Donnelley, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Stúdio Nobel, Thex Editora.

EXPEDIENTE • Fotelito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Magda Frediani • Diagramação: Guto Mesquita

GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, Sônia Machado. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz e Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lília Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Felte, Rogério Andrade Barbosa. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.
Tel.: (0XX)-21-2262-9130
e-mail: fnlij@alternex.com.br
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br

Quatro séculos de leituras populares

Conferência de Roger Chartier no Rio de Janeiro ¹

A estratégia adotada pelos editores londrinos era, portanto, muito semelhante à seguida a partir de fins do século XVI pelos editores franceses em *Lyon*, *Troyes* ou *Rouen*, que publicaram em edições mais baratas e vendidas pelos ambulantes textos que antes haviam sido dirigidos aos leitores cultos, clientes das livrarias (Chartier, 1992 e 1993). As edições da "*Bibliothèque Bleue*" (assim denominada porque os livros eram geralmente envoltos em papel azul) deram novas formas às obras que publicaram, cortando episódios, multiplicando os capítulos, censurando as alusões blasfematórias ou imorais. Os textos foram assim colocados ao alcance econômico e cultural de novos leitores, cuja leitura não era idêntica à dos letrados. O modo de ler daqueles exigia seqüências curtas, fechadas em si mesmas; necessitava de imagens que, ainda que reutilizadas de uma edição para a outra, ajudavam a entender ou a memorizar o sentido do texto; e requeria a repetição mais que a invenção, já que cada novo texto publicado tinha que referir-se a temas e motivos já conhecidos. A isto se deveu o surgimento de séries ou coletâneas textuais definidas por seu gênero (vidas de santo, novelas de cavalaria, contos de fadas), seu uso (exercícios de devoção, receitas de cozinha, manuais epistolares) ou sua temática (discursos sobre as mulheres, sátiras sobre as profissões, descrições das artimanhas dos mendigos, vagabundos e ladrões).

É possível saber como os leitores populares entenderam e usaram os textos que compravam, liam ou escutavam? Escassas são as fontes que permitem tal conhecimento. Nos países em que, para desgraça do povo e para ventura dos historiadores, se instauraram os tribunais da Inquisição, as declarações realizadas pelos réus diante dos juizes indicam às vezes sua maneira de ler. Assim é que no final do século XVI, Domenico Scandella, também chamado Menocchio, um moleiro do *Friul* acusado por sua crítica radical à Igreja e sua cosmogonia heterodoxa, menciona que leu livros emprestados ou comprados. Durante os interrogatórios faz referência a onze títulos, entre eles a Bíblia, *Il fioretto della Bibbia*, as *Viagens de Mandeville*, o *Decamerão*, talvez o *Alcorão*. Ao comparar as obras lidas com a atitude de Menocchio em relação a elas, Carlo Ginzburg (1976) pôde restituir os traços singulares de uma leitura que desloca os textos, descontextualiza os fragmentos, leva as metáforas ao pé da letra, procede analogamente e, muitas vezes, inverte o sentido. Menocchio se apropria dos fragmentos de discurso que chegam a ele vindos da cultura letrada e que reformula e interpreta, segundo Ginzburg, deslocando códigos próprios da sua cultura oral e campesina. Ainda que semelhante diagnóstico possa ser discutido, uma vez que a maneira de ler de Menocchio era equivalente à da leitura culta, e acontecia também mediante sínteses e deslocamentos de fragmentos, o exemplo do moleiro de *Friul* mostra claramente que os leitores populares não liam somente os impressos que a eles estavam especialmente destinados pelos editores que buscavam um mercado mais amplo. Por exemplo, na diocese de *Cuenca*, entre 1560 e 1610, comerciantes, lavradores e artesãos confessaram aos inquisidores que haviam lido livros de cavalaria – assim como os lavradores do *Quixote* (Nalle, 1989). Neste sentido, qualquer livro pode fazer parte das leituras populares que não podemos caracterizar unicamente a partir dos gêneros editoriais que conheceram a mais ampla difusão.

¹ A editora FTD, comemorando 100 anos, procurando ressaltar a importância da leitura literária na formação do leitor, convidou a FNLIJ para organizar a 1ª Conferência FTD de Educação e Cultura. Para essa conferência foi convidado o Prof. Roger Chartier, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França. Ele esteve no Rio de Janeiro, na Fundação Biblioteca Nacional, no dia 17 de outubro, em evento promovido pela FNLIJ/PROLER/editora FTD, apresentando uma conferência sobre o tema: "Leituras e leitores populares – séculos XV-XIX", no Auditório Machado de Assis. Em São Paulo, também dentro desta programação dos 100 anos da FTD, no dia 22 de outubro, Roger Chartier, falou sobre "Do Leitor ao navegador – Os desafios do novo mundo textual". Neste *Notícias* 4 estamos publicando a segunda parte da conferência de 17 de outubro, cuja primeira parte foi publicada no *Notícias* 3. A tradução é de Márcia Filgueiras Gonçalves.



FNLIJ

Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 23

Devemos, com isso, caracterizar a leitura popular a partir de uma relação específica com o escrito? No "Conto de Inverno", Shakespeare põe em cena um destes ambulantes vendedores e cantores de baladas, chamado *Autólico*. O texto desmonta com ironia as estratégias que emprega para dar veracidade aos relatos extraordinários das baladas que vende. Por um lado, *Autólico* multiplica as provas (assinaturas, testemunhos) que devem fazer com que se tenham por certos os fatos inverossímeis narrados pelas baladas: o parto monstruoso da mulher de um usurário ou a transformação de uma moça em peixe por rejeitar as atitudes de seu admirador. De modo que a atração pelo gênero parece depender estreitamente da possibilidade de que o leitor acredite nos relatos que lê, canta ou escuta. Em várias ocasiões, as camponesas interrogam *Autólico* para que confirme a autenticidade das histórias que vende, como se o prazer obtido pela leitura ou pela escuta fizesse supor que as baladas pudessem ser tidas como verdadeiras. Mas, por outro lado, esse desejo de autenticidade, bem como os sinais de autenticação, sempre são burlescamente desmentidos. A parteira que supostamente atendeu à mulher do usurário se chama "*Mistress Taleporter*" (Senhora Contadora de Histórias), e a data da metamorfose da garota insensível em peixe é "uma quarta-feira, primeiro de abril".

Como interpretar esta tensão entre a expectativa da verdade dos compradores de baladas e a paródia (que não é unicamente shakespeariana, mas que já está presente nas baladas publicadas pelos livreiros de Londres) que situa de imediato os relatos na ordem do inconcebível? Demonstra a ingenuidade dos camponeses do teatro que consideram verdadeiro o inverossímil, coisa que não fará o espectador hábil e advertido? Ou então caracteriza uma relação popular com a ficção literária; uma relação que ao mesmo tempo persuade e desmotiva, faz crer e desacredita, aproxima e distancia?

É este modelo de inteligibilidade, sutil e complexo, que propõe Richard Hoggart (1957). No seu livro, Hoggart, partindo de sua própria experiência, descreve a relação que os leitores e ouvintes trabalhadores entabulavam na Inglaterra dos anos cinqüenta com os jornais de grande tiragem, as revistas, os horóscopos, os folhetins, as canções de amor. Caracteriza essa relação pela ambigüidade das atitudes, como se o desejo e o prazer de crer andassem juntos, na maior lucidez, com a fantasia do que se crê. Desse modo, associam-se paradoxalmente categorias logicamente contraditórias, como se a crença experimentasse eclipses, como se a aceitação da ficção não eliminasse o discernimento. Uma perspectiva semelhante é a que assume o livro de Paul Veyne dedicado à relação dos gregos com os mitos de sua religião (1983):

"Entre os doutos, a fé crítica, por assim dizer, alterava com um total ceticismo e se equiparava à ingenuidade irrefletida dos menos doutos; estas três atitudes se toleravam, e a simplicidade popular não era culturalmente desvalorizada. Essa coexistência pacífica de crenças contraditórias teve um efeito sociologicamente curioso: cada indivíduo interiorizava a contradição e pensava do mito coisas inconciliáveis, pelo menos aos olhos da lógica; o indivíduo, por seu lado, não sofria por causa de suas contradições, muito pelo contrário: cada uma servia a objetivos diferentes".

Antes de Hoggart, antes de Veyne, Shakespeare põe em cena entre os pastores e pastoras da Boêmia

imaginária do "Conto de Inverno" a dualidade indissociável da aproximação e da distância. Convida-nos assim a considerar que cada leitor, qualquer que seja sua condição social, pode ser um leitor "popular", se se entende por essa palavra um tipo de relação distanciada, crédula e incrédula, atenta e desatenta com o texto lido.

Este breve ensaio se empenha em ressaltar os séculos em que apareceram, ao mesmo tempo, edições destinadas aos leitores mais populares; e leitores populares que leram as mesmas obras que as elites. Porém não devemos esquecer que com o progresso da alfabetização e da diversificação da produção impressa, o século XVIII e ainda mais o XIX conheceram uma grande variação nos modelos de leitura. É forte o contraste entre a imposição de normas escolares que tendiam a definir um modelo único, codificado e controlado da leitura legítima e, por outro lado, a extrema diversidade das práticas das várias comunidades de leitores, tanto as que estiveram anteriormente familiarizadas com a cultura impressa como as constituídas por recém-chegados ao mundo da escrita: crianças, mulheres, trabalhadores. Com o acesso de quase todos à capacidade de ler, tal como se estabeleceu no século XIX, se instaurou uma grande fragmentação nas práticas de leitura.

Em todos os países europeus isso levou a reforçar os dois elementos encontrados nos primeiros séculos da era moderna. Por um lado, multiplicaram-se os produtos impressos dirigidos aos leitores populares: coleções baratas, publicações por encomenda, revistas ilustradas, literatura de ocasião, etc. Desse ponto de vista, a produção e a circulação da cultura impressa na Espanha do século XIX mostram as mesmas transformações fundamentais encontradas em todas as partes da Europa: a autonomia da profissão do editor que se distingue tanto do livreiro quanto do impressor; a entrada em uma economia de mercado que gera um novo público leitor a partir da oferta de novos produtos editoriais; a multiplicação das bibliotecas "públicas" vinculadas ao fenômeno das "sociedades de falar": ateneus, círculos, clubes.

Semelhante diagnóstico apresenta de maneira original uma questão clássica: a da "anomalia" espanhola, corrente no século XIX, e de seu suposto "atraso" cultural. Os altos níveis de analfabetismo tal como os apresentam as estatísticas baseadas nas porcentagens de assinaturas não devem fazer esquecer a crescente presença dos impressos efêmeros, baratos dentro das camadas populares, inclusive analfabetas. Nas cidades pelo menos a ampla circulação dos jornais, livretes, almanaques, folhetins, etc., permitia uma forte familiarização com a cultura impressa, possivelmente transmitida pelas leituras em voz alta. Não devemos restringir o campo dos "leitores" unicamente aos alfabetizados. Não devemos tampouco isolar os objetos impressos (livros, folhetos, jornais) das outras formas da escrita – cartazes impressos, inscrições gravadas, escritos pintados – encontradas nas ruas, nos cemitérios, nos edifícios públicos, nas casas. Na paisagem literária urbana, esta onipresença dos textos escritos produz "uma espécie de aculturação por impregnação ambiental", segundo a expressão de Jean-François Botrel (Botrel, 1993). Tal "impregnação" deve matizar fortemente os juízos clássicos sobre o atraso cultural espanhol e deslocar a atenção para as diferenças entre as cidades e o campo, entre as grandes cidades e as pequenas, entre a capital e as províncias.

Outro traço comum entre a Espanha e o resto da Europa é a constituição no século XIX de um "campo li-

terário" polarizado entre a "literatura industrial" dirigida para o crescente mercado de leitores e as formas cultas da "arte pela arte", cujas criações circulam dentro do âmbito restrito dos "happy few". Existia um forte vínculo entre a reivindicação de uma cultura "pura", subtraída das leis da produção econômica, distanciada dos gostos "populares", governada pela cumplicidade estética entre os autores e seus leitores e, por outro lado, o progresso de uma literatura comercial, dominada pelo capitalismo editorial e dirigida ao "grande público". Semelhante polarização introduziu uma diferença contundente entre os escritores que buscavam viver de sua pena e os autores cuja existência não dependia da escrita, mas de outro ofício: professor, advogado, funcionário da administração, etc. Dentro do primeiro grupo, escassos são os que conseguiram um êxito econômico suficiente com a venda de suas obras para que pudessem se dedicar somente a elas. A maioria, que constituía um proletariado da pena comparável à boemia literária parisiense, não podia sobreviver senão colocando-se a serviço dos editores que publicavam os gêneros impressos mais populares. Daí a tensão entre a reivindicação da propriedade intelectual, que devia estabelecer os direitos dos autores sobre as suas obras, e a realidade da condição de escritor profissional que obrigava a dedicar-se à escrita muitas vezes anônima e depreciada da "literatura industrial".

Por outro lado, em toda a Europa, a definição escolar de um repertório canônico das obras legítimas multiplicou a leitura por parte de leitores populares de obras transformadas em um patrimônio nacional. Na Espanha, é em 1844 que Antonio Gil y Zárate publicou o primeiro manual universitário dedicado à literatura espanhola, e é em 1846 que as novelas de Cervantes constituíram o primeiro tomo da "Biblioteca de Autores Espanhóis". O manual e a coleção conferiram uma forma institucional e editorial a um conjunto de obras e autores que dava identidade à produção literária nacional. Isso foi feito a partir de escolhas e exclusões que delimitaram um repertório literário canônico, definido por José-Carlos Mainer (2000) como "o elenco de nomes que se constitui em repertório referencial das linhas de força de uma literatura, e nesse sentido, é uma permanente atualização do passado". Graças às bibliotecas populares e as "bibliotecas" propostas pelas coleções baratas de obras clássicas, antigas ou recentes, por toda parte, os leitores populares, artesãos ou trabalhadores, compartilhavam ainda mais que nos séculos XVI e XVII, dos mesmos textos que os membros das elites. Mas como o demonstram as autobiografias, os trabalhadores liam estas obras canônicas de uma maneira intensiva baseada na repetição e na memorização. Reliam mais do que liam; compartilhavam freqüentemente os textos lidos em voz alta; e os copiavam e memorizavam (Lyons, 1998). Transferiram para a literatura erudita as práticas de leitura que caracterizaram por muito tempo a relação com os livretes de cordel, os "chapbooks" ou os títulos da "Bibliothèque Bleue".

Durante muito tempo os historiadores pensaram que era possível identificar as leituras populares através dos conjuntos de impressos dirigidos, desde o século XVI até o nosso, aos leitores mais desprovidos de capital econômico ou cultural. Por isso, focalizaram a atenção nas iniciativas editoriais que buscaram atrair semelhante público. Mas o popular não se deixa definir tão facilmente. Em primeiro lugar, muito freqüentemente, os livros ou livretes dirigidos ao vulgo não tinham nada de popular em

si mesmos; eram textos cultos ou compartilhados que receberam, em um determinado momento de sua trajetória impressa, uma nova forma tipográfica, mais barata e mais acessível. Assim sendo, não se deve pensar que os temas, imagens e estereótipos que propõem os impressos publicados para o povo reflitam necessariamente sua maneira de pensar ou falar. A distância está particularmente visível em todos os textos do repertório popular que representam o povo. Como escreve Borges (1932): "Entendo que há uma diferença fundamental entre a poesia dos *gauchos* e a poesia *gauchesca* [...] os poetas *gauchescos* cultivam uma linguagem deliberadamente popular, que os poetas populares não usam". Em suma, os leitores populares se apoderaram dos textos legítimos impostos pela norma escolar ou ainda daqueles excluídos pelas elites. Mas o fizeram com um estilo próprio de leitura que utilizou de maneira sutil, segundo as necessidades, as circunstâncias ou os gêneros, uma atenção intensa ou uma distância irônica, a vontade de conquistar o saber, e o prazer de jogar com as regras, em uma relação atenta e impertinente.

Referências bibliográficas

- BOTREL, Jean-François. *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Madrid: Fundación Sánchez Ruipérez, 1993.
- BORGES, Jorge Luis "El escritor argentino y la tradición", in Jorge Luis Borges. *Discusión*, (1932), Madrid: Alianza Editorial, 1997, págs. 188-203.
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián, *Tesoro de la lengua castellana o española*, (1611), ed. de Felipe C.R. Maldonado y rev. de Manuel Camarero, Madrid: Editorial Castalia, 1995.
- CHARTIER, Roger, "Los libros azules", in Roger Chartier, *El mundo como representación. Estudios sobre historia cultural*, Barcelona: Gedisa, 1992, págs. 145-162.
- CHARTIER, Roger, "Estrategias editoriales y lecturas populares, 1530-1660", in Roger Chartier, *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Madrid: Alianza Editorial, 1993, págs. 93-126.
- FRENK, Margit, *Entre la voz y el silencio (La lectura en tiempos de Cervantes)*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1997.
- HOGGART, Richard, *The Uses of Literacy. Aspects of Working-Class Life with Special Reference to Publications and Entertainments*, Londres: Chatto and Windus, 1957.
- INFANTES, Víctor, "Los pliegos sueltos poéticos: contitución tipográfica y contenido literario (1482-1600)", in Víctor Infantes, *En el Siglo de Oro. Estudios y textos de literatura áurea*, Potomac (Maryland): Scripta humanistica, 1992, págs. 47-58.
- LYONS, Martyn, "Los nuevos lectores del siglo XIX: mujeres, niños, obreros", in Guglielmo Cavallo y Roger Chartier, eds., *Historia de la lectura en el mundo occidental*, Madrid: Taurus, 1998, págs. 473-517.
- MAINER, José-Carlos, *Historia, literatura, sociedad (y una coda española)*, Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.
- NALLE, Sara T., "Literacy and Culture in Early modern Castile", *Past and Present*, 125 (1989), págs. 65-96.
- VEYNE, Paul, *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes? Essai sur l'imagination constituante*, Paris: Seuil, 1983.
- WATT, Tessa, *Cheap Print and Popular Piety 1550-1640*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

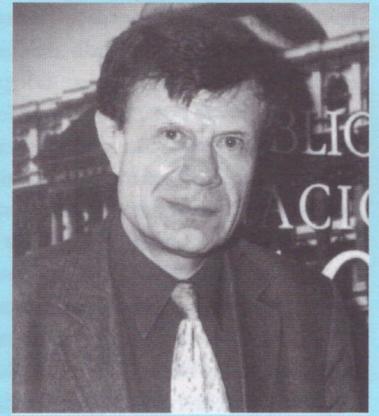
Roger Chartier – três parágrafos de um retrato

Ao trazer à luz a história do livro e evidenciar as transformações por que passa este objeto capital ao longo da Idade Moderna, Roger Chartier expõe a fábrica da letra. Debruçado sobre a expansão dos instrumentos de leitura e de escrita e a apropriação que deles realizam as camadas sociais inicialmente excluídas do acesso a esses bens culturais, Chartier, historiador, vai buscar na literatura o melhor atestado para suas conclusões.

Provoca, assim, não só um avanço inestimável nos estudos de História Cultural – e vai-se tornando com isso um nome tão revolucionário nos trabalhos contemporâneos quanto o foram há pouco tempo Jacques Le Goff e Marc Bloch –, mas contribui para fazer circular os valores e conceitos que conferem qualidade de vida às pessoas: justiça, respeito, liberdade, dignidade. Faz melhor e mais empenhada a vida da professora anônima, do leitor desconhecido, do operário próximo ou distante – todos em luta por direitos sociais ou em busca do prazer de viver.

A convivência com Chartier torna evidente que ele escolhe estudar o livro porque, como Dom Quixote – o herói que tanto admira e encarna de um outro e mesmo lugar –, vive e encontra sentido para a existência entre livros: esse inquebrantável empenho do humano em se construir mais habitável pelo futuro.

(Fragmento do *Diário De Navegação Da Palavra Escrita Na América Latina*, de Nilma Gonçalves Lacerda, orientado por Roger Chartier, como projeto de pós-doutoramento na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais), Paris, no período de 2001 – 2002.)



Roger Chartier nasceu em Lyon em 1945. É *Directeur d'Etudes* na *Ecole des Hautes Etudes* em Paris e *Visiting Professor* na *Universidad de Pennsylvania* na Filadélfia. Seus principais livros em espanhol são *El Mundo como representación. Estudios sobre historia cultural*, Gedisa, 1992; *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Alianza, 1993; *El orden de los libros, Lectores, autores y bibliotecas en Europa entre los siglos XIV y XVIII*, Gedisa, 1994; *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII. Los orígenes culturales de la Revolución francesa*, Gedisa, 1995; *El juego de las reglas: lecturas*, Fondo de Cultura Económica, 2000; *Entre poder y placer: Cultura escrita y literatura en la Edad moderna*, Cátedra, 2000; *Las revoluciones de la cultura escrita. Diálogo e intervenciones*, Gedisa, 2000.

ERRATA

Pedimos que nossos leitores retifiquem a numeração dos Suplementos, a partir de do número 5, publicado em maio de 1999, que deveria ter constado como número 9, e no qual foi repetida a numeração do volume anterior (8). Sendo assim, retificando a numeração, passamos a considerar que este Suplemento de abril de 2003 terá o número 23, e não 22.

Em breve estaremos publicando a relação de todos os Suplementos, retificando esta numeração.

Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 23
Parte Integrante do *Notícias 4 - vol. 25/2003*
Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra
Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers